

PAULO, APÓSTOLO E TRABALHADOR

“Aprendi a contentar-me em qualquer situação” (Fl 4,11)

Ludovico Garmus

Em Fl 4,10-20 temos uma espécie de “recibo” de Paulo (“recebi tudo”, v. 18), confirmando o recebimento dos donativos que os filipenses lhe enviaram quando estava na prisão, provavelmente em Éfeso (2Cor 1,8-9), entre 52 e 54 dC¹. Agradece os donativos antes mencionados (Fl 2,15-20). Na prisão, provavelmente, Paulo estava passando por necessidades.

Paulo fundou a comunidade cristã de Filipos durante a segunda viagem missionária (At 16,6-40). A comunidade de Filipos lhe era muito querida e com ela mantinha laços de amizade muito estreitos desde o início, quando ficou hospedado na casa de Lídia. Somente de Filipos aceitou doações, quando estava em Tessalônica (4,15-16) e Corinto (2Cor 11,8-9). Mas, de modo geral, insiste em seu princípio de anunciar o Evangelho gratuitamente (2Cor 11,7-9; cf. 1Ts 2,9; 2Ts 3,7-9; 1Cor 4,12; 9,15).

Embora tenha aprendido a “ser autossuficiente (*'autárkes 'einai*) em qualquer situação” (4,11), Paulo se mostra grato pelos donativos recebidos, pois estava, de fato, passando por necessidades na prisão. O termo *'autárkes* ocorre somente no v. 11 e *'autárkeia* apenas em 2Cor 9,8 e 1Tm 6,6, em todo o Novo Testamento². A expressão “ser autossuficiente” (*'autárkes 'einai*) é uma das virtudes da ética estoica. Significa a liberdade do sábio em meio às diferentes circunstâncias da vida, a independência de qualquer bem externo, a sobriedade e a moderação no uso dos bens. Designa a pessoa autossuficiente, que conta com as próprias capacidades e não depende de outros. Na linguagem corrente significa ter o suficiente para viver. No Novo Testamento inclui também a capacidade de estar contente em qualquer situação e suportar privações. Em 1Tm 6,6 faz parte da virtude da piedade. Os estudiosos, porém, concordam que, mesmo tendo um fundo filosófico estoico, a autossuficiência de Paulo se baseia em Deus. Não leva a um isolamento, porque inclui também a satisfação das necessidades do irmão (2Cor 9,8). A relação de Paulo com os filipenses transforma a autossuficiência estoica em suficiência em Cristo. Ao enviar donativos a Paulo na prisão os filipenses participam também no Evangelho de Cristo (Fl 4,15).

2. Paulo se distingue dos carismáticos itinerantes do cristianismo primitivo

A insistência de Paulo em dizer, numa carta onde agradece donativos recebidos, que é “autossuficiente” e não depende de doações para anunciar o Evangelho deve ser entendida no contexto dos evangelizadores da Igreja primitiva.

1. BEARE, F.W. *A Commentary on the Epistle to the Philippians*. London: Adam and Charles Black, 1959, p. 150-153.

2. KITTEL, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, v. I. Brescia: Paidéia, 1965, 1243-1246.

Segundo Gerd Theissen³ uma das características marcantes do movimento inaugurado por Jesus é determinado pelo papel dos pregadores que ele chama carismáticos itinerantes. Nos inícios do cristianismo os apóstolos, profetas e discípulos itinerantes partiam de Jerusalém, o primeiro centro de irradiação, e percorriam as regiões da Judeia e Palestina, de lugar em lugar, fazendo missão e curando os enfermos (Mc 3,13-15). Assim, por exemplo, vemos Pedro, uma das “três colunas” da Igreja (Gl 2,9), fazendo viagens missionárias à região da Judeia (At 9,32-43; 10,1-48), a Antioquia da Síria (Gl 2,11-14) e a Corinto (1Cor 1,12). Mais tarde, Antioquia da Síria tornou-se o novo centro ou a “igreja-mãe” de um grupo de carismáticos itinerantes. É de lá que Paulo e Barnabé partem para suas viagens missionárias e para lá retornam (At 13,1-4; 15,35-36; 18,18-22). Paulo, porém, se distancia do modelo de vida dos carismáticos itinerantes palestinos, que viviam de esmola. Ele fazia questão de não depender de ninguém, mas de viver de sua profissão de fabricante de tendas (cf. 1Cor 9,1-18). A importância do papel destes missionários carismáticos ambulantes se faz notar nitidamente ainda na primeira metade do II século. Para evitar abusos, a Didaqué estabelece que tais carismáticos itinerantes não deviam permanecer mais do que três dias na mesma comunidade⁴.

Essa providência divina para com os carismáticos itinerantes, como chama a atenção G. Theissen⁵, se baseava no apoio recebido pelos simpatizantes, aos quais se ofereciam a mensagem e as curas: “*Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘a paz esteja nesta casa’... Permanecei nesta casa, comei e bebei o que vos servirem. O operário é digno do seu salário... Em qualquer cidade, onde entrardes e vos receberem, comei do que vos for servido, e curai os enfermos que nela houver, e lhes dizei: o Reino de Deus está próximo*” (Lc 10,5-8).

3. Paulo, o artesão missionário

A questão do trabalho que Paulo exercia para se manter enquanto pregava o Evangelho foi recentemente estudada por Ronald Hock⁶.

O ponto de partida do autor é investigar: 1. Se Paulo era tecelão ou trabalhava com couro ao fazer tendas; 2. Se Paulo, ao ter um ofício segue práticas rabínicas, e se o seu modo de ver o trabalho é semelhante ao dos judeus e diferente do modo greco-romano (Hock: 1980, 16-17).

Hock distingue *fontes primárias* (Rm, 1-2Cor, Gl, Fl, 1Ts, Fm) das *fontes dêutero-paulinas* (At 20,34-35; Ef 4,28; 2Ts 3,10). Mas admite que Atos dos Apóstolos possam conter notícias primárias.

3. THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*, p. 16-31. Veja também HOORNAERT, Eduardo. *O movimento de Jesus*. O Cristianismo na Perspectiva do Pobre, vol. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

4. Didaqué, 12,5; 13,1s.

5. THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*, p. 20.

6. HOCK, Ronald. *The social context of Paul's ministry. Tentmaking and apostleship*. Philadelphia: Fortress, 1980. Seguimos e sintetizamos, em grande parte, este estudo de Ronald Hock.

Qual era o ofício de Paulo? Sobre seu ofício, Paulo afirma: “Cansamo-nos trabalhando com as próprias mãos” (1Cor 4,12). Mas At 18,3 classifica o ofício como o de fabricante de tendas (*skenopoios*). Alguns autores supõem que Paulo seria um tecelão, que tecia tendas com pelos de cabra. Outros acham que era sapateiro. O mais provável, segundo Hock, é que Paulo fosse “um fabricante de tendas e de outros produtos de couro”.

É pouco provável que Paulo tenha aprendido o ofício quando estudava a Torá em Jerusalém, pois o ideal rabínico de associar o estudo da Lei a um ofício aparece apenas em meados do 2º século. Mais provável é que tenha aprendido o ofício de seu pai, independentemente do ideal rabínico posterior. Pelos treze anos Paulo deve ter começado a aprender o ofício na oficina de seu pai, onde trabalhava todos os dias, menos aos sábados e nas festas. Fabricando tendas para o exército romano, a família podia ter conseguido a cidadania romana. Após três anos de aprendizado, com muita disciplina, Paulo já seria um artesão tão esmerado no trabalho com o couro como seu pai.

O trabalho com o couro incluía tarefas como cortar o couro com facas de fio arredondado e pontiagudo, e costurar o couro com vários tipos de agulhas. Estes trabalhos eram feitos num balcão de trabalho, com artesãos sentados num banco e inclinados sobre o balcão de trabalho. As facas e as agulhas podiam ser facilmente carregadas nas viagens, o que permitiu, mais tarde, a Paulo se sustentar com seu trabalho nas viagens missionárias.

3.1. Como era a vida diária de Paulo

No cap. 3 de seu livro, Hock procura esclarecer como era a vida de Paulo enquanto artesão-missionário. Sabemos que Paulo trabalhou no ofício em várias comunidades (cf. 1Ts 2,9; 1Cor 4,12; At 18,3; 2Cor 12,14), durante a segunda e a terceira viagem. Mas também na primeira viagem parece ter trabalhado, pois na polêmica com os coríntios pergunta: “Ou acaso somente eu e Barnabé estamos obrigados a viver do nosso trabalho?” (1Cor 9,6). Não sabemos se Paulo trabalhou no ofício nos anos anteriores às viagens, como missionário na Arábia e Damasco (Gl 1,17; cf. At 9,19-25) e na Síria e Cilícia (Gl 1,21; At 9,30; 11,25). Mas é possível que tenha trabalhado também em Roma, durante a prisão domiciliar (At 28,30). De qualquer forma, Paulo insiste que seu costume (1Cor 9,15-18) era trabalhar com as próprias mãos, para se autosustentar (1Cor 4,12; 1Ts 2,9), enquanto pregava o evangelho.

a) Paulo viajante

Nas estradas romanas imperiais podia haver uma variedade de viajantes: oficiais do governo, comerciantes, peregrinos, doentes, estafetas de correio, videntes, escravos trânsfugas, fugitivos, prisioneiros, atletas, artesãos, professores e estudantes. Em geral as condições de viagem neste tempo eram boas. Daí a mobilidade de uma pessoa como Paulo, cujas viagens missionárias por terra e mar, segundo Atos, chegaram a uns 17 mil km – incluindo as viagens como oficial (At 9,2), peregrino (At 20,16) e prisioneiro. Interessam-nos as viagens que fez no papel de missionário e artesão.

Nestas viagens, Paulo certamente não estava só. Hock lembra que, embora tenhamos mais notícias de estudantes viajando à procura de filósofos do que filósofos à procura de estudantes, não poucos professores também viajavam. Alguns deles, como Apolônio de Tiana e Dio Crisóstomo, eram até mais viajados do que Paulo. Outros do mesmo período de Paulo, como Peregrino, cujas viagens cobriam a Ásia Menor, a Palestina, o Egito, a Grécia e a Itália, podem comparar-se a Paulo. Também artesãos podiam ser encontrados em viagem. Alguns, provavelmente escravos, podiam ser enviados de uma oficina de uma cidade para outra oficina em outra cidade. Outros artesãos, como Paulo, viajavam na esperança de encontrar um trabalho. Outros, ainda, viajavam por estarem acompanhando um exército.

Apesar das boas condições gerais, viajantes, como Paulo, podiam enfrentar atrasos, à procura de um navio, em geral cargueiro, que fosse para o destino desejado e aceitasse passageiros (At 21,2), ou devido a paradas forçadas por causa do mau tempo no inverno (At 28,11; 1Cor 16,6). As dificuldades de viagem incluíam muitas das agruras mencionadas por Paulo: fome, sede, frio e nudez, (cf. 2Cor 11,27), bem como outros problemas não mencionados, como lama e poeira. Os perigos enfrentados por Paulo enquanto viajava eram, sobretudo, assaltos de bandidos e naufrágios (cf. 2Cor 11,25-26).

Ocasionalmente Paulo viajava sozinho (At 18,1), mas em geral em grupo, às vezes composto de viajantes (At 9,7-8), um grupo de amigos (At 17,14-15) ou companheiros como Barnabé, na primeira viagem missionária, ou como Silas e Timóteo na segunda. Outras vezes uma comitiva de viagem maior é mencionada (At 20,4.38; 21,16).

Companheiros de viagem davam mais segurança, como também devem ter dado a Paulo oportunidades de não poucos diálogos intelectuais. Não se fala disso nos Atos e nas epístolas, mas podemos supô-lo com base nas notícias de outros viajantes e filósofos. Tais viagens eram ocasiões de conversas do mestre ou filósofo com seus discípulos, de leituras e discursos, ou de redação de cartas. Paulo deve ter aproveitado boas horas em suas viagens com discussões e estudos semelhantes.

b) Hospedagem e sustento do missionário Paulo

Ao final de uma viagem, a primeira coisa que Paulo tinha que fazer era providenciar um alojamento. Em alguns casos – como em Anfípolis e Apolônia (At 17,1) – a estadia de Paulo poderia ter sido curta, não passando de uma simples parada para ir a uma cidade mais adiante. Nestes casos Paulo e seus companheiros poderiam se alojar numa hospedaria e depois seguir viagem. Às vezes, porém, estas breves paradas podem ter acontecido em cidades onde havia famílias cristãs. Neste caso, Paulo terá preferido ser hóspede de um cristão, como Gaio, em Corinto (Rm 16,23) ou Filêmon, em Colossos (Fm 22). A hospedagem oferecida a um viajante incluía não só banho, comida e cama, mas também provisões para o próximo trecho de viagem. Uma pessoa podia ficar uma semana sem estar explorando seu hospedeiro, embora três dias fosse o tempo considerado mais apropriado, convenção que Paulo seguia escrupulosamente, ao menos de acordo com Atos (21,7; 9,9; 28,7; e sete dias: At 20,6; 21,4; 28,14).

Quando Paulo pretendia ficar por mais tempo numa cidade, para exercer uma atividade missionária, precisava encontrar um alojamento mais permanente⁷. Inicialmente, é claro, podia encontrar uma solução temporária. Por exemplo, em Filipos, Paulo hospedou-se em algum outro lugar até parar na casa de Lídia (At 16,15). Não sabemos precisamente onde tinha ficado antes, embora hospedarias, ginásios, templos e sinagogas pudessem também acomodar viajantes. Mesmo que no começo Paulo pudesse alojar-se em hospedarias, até por alguns meses, parece ter preferido hospedar-se por mais tempo em casas de membros da igreja: a casa de Lídia, em Filipos (At 16,18), a casa de Jasão, em Tessalônica, onde ficou alguns meses (At 17,5-6), a casa de Áquila e Priscila, em Corinto, por um ano e meio (18,3.11) e, provavelmente, em outras casas (At 18,19; 19,1; 20,3).

Paulo tinha consciência que suas estadias em casas de cristãos ultrapassavam os limites da instituição da hospitalidade (no máximo uma semana). Ele insiste em dizer que poderia ter exigido seus direitos de apóstolo, mas não o fez; não quis ser um peso para ninguém (1Ts 2,7; cf. 1Cor 9,5-15).

Aceitando uma hospitalidade prolongada, sabia estar aceitando as normas de outra instituição familiar: a de se ligar a um chefe de família como professor ou intelectual residente, com direito a quarto e comida e outras regalias, em troca de uma taxa de aluguel – como se fazia em seu tempo. Este era também o proceder de Paulo, para não dar trabalho, nem ser um peso para ninguém (1Ts 2,9; cf. 2Cor 11,9). Paulo conseguia não ser um peso para ninguém, pois tinha um ofício (1Ts 2,9; cf. At 20,34), embora ocasionalmente recebesse apoio financeiro de alguma igreja (2Cor 11,8; Fl 4,15-18; cf. At 18,5)⁸.

Portanto, além de procurar um alojamento ao chegar a uma cidade, Paulo devia encontrar trabalho em alguma oficina local. Algumas vezes o trabalho se tornava mais fácil quando se alojava na casa de alguém da mesma profissão de fabricante de tendas, como Áquila e Priscila, em Corinto (At 18,3) ou Jasão (17,6), que também era fabricante de tendas.

Os lucros pela fabricação de tendas cobriam as necessidades de Paulo quanto à alimentação, às vestes e parte do aluguel, conforme sabemos dos costumes da época, em Roma. Com certeza, nem sempre Paulo conseguia cobrir as despesas. Apesar das longas horas na oficina, às vezes passava por necessidades (cf. 2Cor 11,9 e Fl 4,12). Mas, por ser um mestre ambulante, diz Hock, era até surpresa que Paulo fosse autossuficiente (Fl 4,11).

c) Paulo no trabalho

Lucas diz que Paulo trabalhava em Corinto (At 18,3) com Áquila e Priscila. O próprio Paulo afirma que trabalhou “noite e dia” em Tessalônica (1Ts 2,9) e provavel-

7. Para um viajante judeu o normal era buscar a sinagoga local, que providenciava uma hospedagem. Sobre isso veja o artigo de Francisco Orofino sobre a cidade de Filipos, nesta revista, p. 14.

8. HOCK, Ronald. *The social context of Paul's ministry*, p. 30.

mente em outros lugares (2Cor 6,55; 11,27). Nós diríamos, trabalhou “do nascer ao pôr do sol”. Mesmo assim o vemos, segundo At 19,9, “pregando todos os dias na escola de Tirano”. Segundo o texto ocidental de Atos, isso acontecia entre onze horas da manhã e quatro da tarde. Mas o normal era trabalhar de sol a sol, menos aos sábados.

Como seria o local de trabalho de um artesão? Podia ser uma sala da casa do artesão, podia ser uma sala no nível térreo, vivendo o artesão no andar de cima, ou num quarto dos fundos, ou nos fundos da própria oficina. Uma oficina podia estar num edifício separado. Podia estar fora da cidade, mas mais provavelmente tais oficinas estavam perto da *ágora*, do mercado. Por fim, artesãos do mesmo ofício tendiam a se localizar na mesma região da cidade, como a rua dos fabricantes de armários em Atenas.

A localização e o tamanho da oficina podiam variar: Um artesão pobre e autônomo trabalhava sozinho ou com um ou mais assistentes, e precisava de menos espaço do que um estabelecimento que empregava mais de cem escravos. Uma oficina média podia acomodar de 6 a 12 artesãos.

No caso de Corinto, o local onde Paulo trabalhava era na oficina de fabricação de tendas que fazia parte da casa de seu patrão e era um local modesto. As oficinas de então eram também o local da venda dos produtos e eventualmente de instrução para aprendizes. Em oficinas menos barulhentas podia-se conversar. Havia gente que só entrava para conversar. Sócrates visitava frequentemente a sapataria de um certo Simão, para conversações filosóficas.

Algo parecido podia acontecer nas oficinas onde Paulo trabalhava. Os fregueses de Paulo podem ser identificados. Embora as tendas fossem usadas mais por soldados, os fregueses de Paulo eram, sobretudo, civis – pessoas cujas ocupações exigiam mais viagens, como remadores que armavam sua tenda por alguns dias enquanto o navio permanecia no porto; ou pessoas que viajavam por gosto, ou ricos que usavam tendas, por vezes luxuosas, enquanto aguardavam os grandes festivais⁹.

A vida de um artesão era mais fácil que a de um trabalhador não especializado ou de um mineiro. Ele podia ganhar seu pão de cada dia se trabalhasse bastante. Assim, Dio Crisóstomo, a Didaqué (12,3) e o próprio Paulo aconselhavam as pessoas a ganhar o próprio sustento (1Ts 4,11-12; cf. At 20,34; 2Ts 3,10). A sorte da maioria dos artesãos era a de conseguir ganhar cada dia um pouco de pão e peixe defumado e isso só com trabalho pesado, desde bem cedo até à noite.

Quando Paulo diz ter trabalhado “noite e dia”, com muito sofrimento e cansaço (1Ts 2,9; cf. 1Cor 4,12; 2Cor 11,27) não está, portanto, exagerando. O fato de Paulo estar sempre viajando impedia-o de se tornar um artesão famoso e bem-sucedido. Por isso, embora diga que conseguia ser autossuficiente, não o era sem notáveis privações: “Aprendi a contentar-me em qualquer situação. Sei passar privações e sei viver em abundância... ter fartura sofrer fome, ter de sobra e sofrer penúria” (Fl 4,11-12), ou até pobreza (2Cor 6,18). Fazia parte de sua vida de artesão (e missionário) ambulante o

9. HOCK, Ronald. *The social context of Paul's ministry*, 31-34.

que diz: “Até o presente passamos fome, sede e nudez; somos esbofeteados e andamos sem morada certa, e nos cansamos trabalhando com nossas mãos” (1Cor 4,11s). “Trabalhos e fadigas, muitas noites sem dormir, com fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez” (2Cor 11,27).

O trabalho de artesão era desprezado e considerado como o de escravo, pois muitas vezes era feito por escravos ou na companhia dos mesmos. Por isso Cícero diz que nenhuma oficina podia trazer algum benefício a um homem livre. Um homem livre que assumisse uma oficina era visto como se tivesse feito algo humilhante.

Outra marca negativa ligada ao artesanato era que não deixava tempo para auxiliar a cidade ou os amigos, ou para desenvolver o espírito. Por isso, os artesãos eram considerados incapazes de adquirir virtudes e com isso eram mal-educados. Acusados como mal-educados e inúteis, os artesãos eram muitas vezes maltratados, injustiçados, raras vezes ou nunca convidados a banquetes, sem *status* reconhecido e até excluídos da utopia estoica. As próprias afirmações de Paulo concordam com esta descrição geral. Ele mesmo achava seu trabalho de fabricante de tendas não só cansativo (1Ts 2,9), mas também escravizador (1Cor 9,19) e humilhante (2Cor 11,7). Seu ofício, em parte, é responsável por não ter *status* (1Cor 4,10) e talvez também por ser desprezado (1Cor 4,12).

A posição de Paulo que assim emerge é pouco invejável. Como apóstolo de Cristo, Paulo gastava a maior parte de seu tempo em viagem ou na oficina. Viajar ou trabalhar num ofício era sempre exaustivo e sofrido; em consequência, podia sempre resumir suas experiências em catálogos de sofrimentos. As viagens de Paulo, como de outros artesãos e professores ambulantes, eram muitas vezes marcadas por atrasos, dificuldades e perigos. Quando chegava a uma cidade, passava dias ou semanas em hospedarias antes de se alojar numa casa. Não queria se tornar um intelectual residente, como era o seu direito apostólico. Para não ser um peso financeiro e ser autossuficiente, procurava trabalhar, fazendo tendas e outros produtos de couro. Fazer tendas significava levantar-se antes do amanhecer e trabalhar até o pôr do sol com couro, facas, agulhas e sofrendo discriminações sociais e humilhações que faziam parte da sorte do artesão, sem mencionar a pobreza, o frio, a fome e falta de vestimentas.

Certamente a experiência de Paulo como artesão-missionário não era de todo cruel – comenta Hock. Havia o estímulo das discussões com os companheiros de viagem, havia a hospitalidade concedida por vários hospedeiros e hospedeiras; havia a amizade dos donos das casas que lhe davam não apenas um quarto, mas ocasionalmente, proteção (At 17,10), trabalho (At 18,3), escribas (Rm 16,22-23) e donativos (Fl 4,18). Mesmo assim, o retrato de Paulo não é de alguém que se move no meio da elite urbana, cujas casas serviam de salão de reuniões e cujas posses facilitavam a hospitalidade e as regalias¹⁰.

10. HOCK, Ronald. *The social context of Paul's ministry*, 36-37.

3.2. O uso missionário que Paulo dava ao trabalho

Os filósofos da época ensinavam em vários ambientes, como pórticos (stoás), edifícios públicos, ginásios, casas de amigos, academias (Platão), liceus (ginásio em Atenas: Aristóteles). Somente Sócrates usava para isso também a sapataria de Simão, e os filósofos cínicos, que preferiam ensinar em oficinas. Podemos dizer que no tempo de Paulo a oficina era um dos locais sociais convencionais para a atividade intelectual. Simão, o sapateiro, por exemplo, é apresentado pela tradição dos cínicos como um artesão que discutia filosofia em sua oficina, um exemplo do ideal cínico da autossuficiência. Mas nem todos os cínicos seguiam tal ideal e até criticavam Simão, que trabalhava. Portanto, a oficina, incluída a do sapateiro e dos que trabalhavam com couro, era reconhecida como um local social convencional para o discurso filosófico, usado, sobretudo, pelos filósofos cínicos. Ocasionalmente um filósofo era também artesão, cuja loja se tornava conhecida como local para estabelecer discussões filosóficas¹¹. É provável que Paulo aproveitasse seu trabalho na oficina para anunciar o evangelho aos companheiros de trabalho e visitantes, dada a sua simpatia pelas tradições dos cínicos (cf. 1Ts 2,1-12).

Sobre outros locais da atividade de Paulo como artesão e missionário, Hock cita alguns textos importantes (At 17,17.18.19-33). No caso do Areópago, a loja de trabalho de Paulo podia estar nas proximidades da praça do mercado. Ali Paulo podia encontrar filósofos estoicos e epicureus. Em Bereia se diz que os judeus consultavam diariamente as Escrituras para ver se era verdade o que Paulo anunciava (At 17,11). Nesse caso, o local de encontro podia ser a oficina, pois só aos sábados e festas se ia à sinagoga – e a leitura era algo que se costumava fazer nas oficinas. Em At 19,12 fala-se de aventais (de trabalho?) de Paulo que, ao serem tocados num enfermo, tinham a força para curá-lo.

3.3. A exortação de Paulo sobre o trabalho (1Ts 4,10b-12)

Alguns acham que a exortação seria motivada pela indolência dos tessalonicenses em consequência da expectativa da parusia iminente. Não há dúvida que era um dos temas centrais, mas não se pode dizer que a exortação ao trabalho é motivada por ela. De fato, o preceito do trabalho faz parte das “recomendações” ou instruções de Paulo. Outros autores acham que o motivo da exortação provém do valor que os judeus davam ao trabalho manual. Mas entre os gregos também temos recomendações semelhantes. Por exemplo, o filósofo Dio Crisóstomo recomenda o trabalho com as mãos, especialmente para os pobres das cidades, a fim de garantirem a própria subsistência de forma digna, trabalhando com as próprias mãos.

De maneira semelhante, Paulo diz: *“Procurai viver com serenidade, ocupando-vos de vossas próprias coisas e trabalhando com as próprias mãos, como reco-*

11. HOCK, Ronald. *The social context of Paul's ministry*, 39-42.

mendamos. É assim que vivereis honradamente aos olhos dos estranhos e não precisareis da ajuda de ninguém” (1Ts 4,11-12). Os convertidos urbanos de Paulo eram pobres. A estes, Paulo recomenda um comportamento afastado das agitações da vida pública (políticas) e a ocupar-se com o seu trabalho. As exortações de Paulo sobre o trabalho tinham também a função de apresentar-se como modelo para suas comunidades (cf. 1Ts 1,6; 2,14; 2Ts 3,8-9; At 20,34-35).

A questão do autossustento para Paulo era uma questão de honra (1Cor 9,15; 2Cor 11,10), pois como apóstolo tinha direitos de ser sustentado pela comunidade (1Cor 9,6-14; cf. 1Ts 2,7). Mas outros missionários, chegados a Corinto depois dele, o criticavam por estar trabalhando para se autossustentar. Tais críticas eram tão agudas que lançavam suspeitas sobre seu apostolado, propiciando-lhe várias ocasiões de defender seu trabalho (1Cor 9,1-19; 2Cor 11,7-15; 12,13-16).

3.4. Como entender o trabalho na vida do missionário Paulo?

Hock enumera quatro formas de sustento possíveis na época: cobrar taxas, ingressar numa casa como intelectual residente, esmolar ou trabalhar¹². A preferência mais clara dos filósofos era cobrar taxas ou ingressar numa casa como preceptor. Esmolar era preferido apenas pelos cínicos, sem casa e desavergonhados. Trabalhar era a opção menos popular, mas era adotada por algum estoico, como Cleantes, ou entre os cínicos, que parecem ter feito de Simão, o sapateiro, o seu ideal.

Paulo defende sua prática de se sustentar a si mesmo com o trabalho de artesão (1Cor 9,1-27), usando em sua defesa, sobretudo, os temas do ser livre ou escravo (1Cor 9,1.19). Para alguns coríntios, que em relação a Paulo pareciam ser ricos, sábios, poderosos e respeitados (cf. 4,8.10), seu humilde apóstolo parecia ter se tornado escravo, trabalhando num ofício (9,19).

Paulo podia viver da pregação do evangelho, sem precisar trabalhar (9,6.14), ingressando na casa de um cristão rico e receber um salário, como outros apóstolos faziam (9,12). Mas não quis fazê-lo (9,15), para ser livre e não depender de ninguém.

A afirmação da liberdade mostra que Paulo conhecia os debates dos intelectuais sobre o modo apropriado de se sustentar. Paradoxalmente, Paulo só podia manter sua liberdade exercendo um trabalho escravo (9,19). Ele faz isso para “ganhar a todos” para Cristo. Raras vezes aceitou ajuda dos cristãos da Macedônia quando não conseguia o suficiente para o sustento (2Cor 11,7-9). Gloriava-se de não depender de outros. Mas isso tinha seus custos pessoais, como a dureza do trabalho de fabricante de tendas (2Cor 6,5), passando noites sem dormir, sofrendo fome, sede (11,27) e pobreza (6,10). Paulo chega a dizer que se desgastou pelo bem espiritual dos coríntios (12,15). Sustentava-se por si mesmo enquanto seus oponentes se introduzem nas casas de cristãos ricos.

12. HOCK, Ronald. *The social context of Paul's ministry*, 58-64.

A maioria dos pesquisadores admite que Paulo era fabricante de tendas, mas divergem se trabalhava com couro ou não. Afirmam que o fato de Paulo ter um ofício se inspira no ideal rabínico, que combinava o estudo da Torá com a prática de um ofício. Por isso, via o trabalho em geral de modo positivo, até mesmo defendendo a obrigação do trabalho. Esta maneira de ver o trabalho combinaria mais com a visão judaica do que com a greco-romana. O estudo de Hock, porém, mostra que Paulo fazia as tendas, provavelmente, de couro. Mas o fato de Paulo trabalhar para viver não se deve a um ideal rabínico de combinar o estudo da Lei com uma profissão, notícia mais tardia. A maneira de Paulo considerar o seu ofício também não seria tão positiva assim. Na verdade, Paulo se orgulha de seu ofício porque lhe permitia ser economicamente independente e autossuficiente. Orgulha-se que pelo seu trabalho podia oferecer o evangelho gratuitamente, sem encargos. O ofício de fabricante de tendas acarretava-lhe, no entanto, vida dura e humilhação social. Paulo considerava seu ofício não muito positivamente, mas como sofrimento, escravidão e humilhação. De fato, segundo a reflexão moral dos filósofos greco-romanos a ocupação num ofício devia ser honrosa e capaz de lhe dar o sustento necessário.

O trabalho de fabricante de tendas não era algo periférico na vida de Paulo, mas central. Seu ofício ocupava a maior parte de seu tempo – desde os dias de aprendiz até os anos de sua vida de missionário de Cristo, desde o amanhecer até o pôr do sol. Em consequência, seu ofício determinava em grande parte sua experiência diária e seu *status* social. Segundo Hock, Paulo passava grande parte de sua vida numa oficina, junto com artesãos amigos como Áquila, Barnabé, e talvez Jasão, manuseando couro, facas e agulhas. Era um trabalho exaustivo. Ficava curvado sobre um balcão como escravo, trabalhando lado a lado com escravos. Era visto por outros como escravo e assim se considerava. Sofria a sorte dos artesãos sem *status*; era humilhado, desprezado e ultrajado.

O ofício de Paulo lhe dava os principais meios de subsistência. Mas sua vida nada mais era do que a de um pobre, ao qual por vezes faltava até o necessário, com a consequente fome, a sede e o frio. Mas o trabalho também pode ter servido diretamente para suas atividades missionárias. As conversas na oficina com os companheiros de trabalho, fregueses e passantes podia facilmente ser ocasião para o anúncio informal do evangelho. Paulo assumiu seu ofício de fabricante de tendas na própria compreensão de seu apostolado. Quando criticado por causa de seu ofício, chegou a se compreender como um apóstolo que oferecia o evangelho livre de encargos.

Socialmente devemos perceber agora melhor a vida de Paulo como a de um artesão. Intelectualmente, o exercício de um ofício nos faz ver Paulo em contacto com a tradição filosófica, especialmente a dos cínicos, que aconselhavam um ofício para os pobres das cidades e viam a oficina como um dos locais apropriados para lecionar filosofia e que viam no trabalho de artesão uma oportunidade de autossuficiência e de liberdade, como no caso de Simão o sapateiro.

Saber se Paulo se inspirou no modelo rabínico de unir a evangelização com o trabalho ou no modelo filosófico do tempo é interessante. Mas o mais importante é o que

ele diz quando escreve aos filipenses: “Aprendi a contentar-me em qualquer situação” (Fl 4,11), um princípio válido para todos os cristãos, especialmente para os evangelizadores.

Bibliografia

Didaqué: ou Doutrina dos Apóstolos. Petrópolis: Vozes, 6ª edição, 2003 (Fontes de Catequese, 1).

KITTEL, G. 'autárkeia / 'autárkes. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. I. Brescia: Paideia, 1965, 1243-1246.

BEARE, F.W. *A Commentary on the Epistle to the Philippians*. London: Adam and Charles, 1959, 150-153.

HOCK, Ronald F. *The social context of Paul's ministry. Tentmaking and apostleship*. Philadelphia: Fortress, 1980.

MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 3. ed., 1991.

MEEK'S, Wayne. *Os primeiros cristãos urbanos. O mundo social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. *O movimento de Jesus. O Cristianismo na Perspectiva do Pobre*, vol. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

ANTONINI, Bernardo. Il lavoro manuale di Paolo apostolo e le sue motivazioni, in *Evangelizzare Pauperibus. Atti della XXIV settimana biblica*. Paideia, Brescia 1978, 371-382.

Ludovico Garmus
Instituto Teológico Franciscano
Rua Coronel Veiga, 550
25655-151 Petrópolis, RJ